

QUALIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES PARAPEDAGÓGICAS

Enhancement of Parapedagogical Activities

Álvarez Dantas

Resumo: O presente artigo aborda a experiência do autor no desenvolvimento, organização e implementação de atividades instrucionais na Conscienciologia e Psicologia. Expõe alguns diferenciais das atividades parapedagógicas e apresenta diversos aspectos a serem observados no tocante ao planejamento e desenvolvimento de cursos, tendo por base a metodologia do *design* instrucional (DI). São apresentadas as etapas do processo instrucional e expostos alguns elementos, sugestões e técnicas referentes a cada etapa. Conclui-se o artigo com a sugestão de 20 verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia* relacionados à qualificação das atividades parapedagógicas visando auxiliar no aprofundamento das pesquisas sobre o tema abordado.

Palavras-chave: qualificação; atividades parapedagógicas; *Design Instrucional*.

Abstract: *The present article approaches author's experience on developing, organizing and implementing Conscientiological and Psychological teaching activities, exposing some parapedagogical activities' differentials and presenting various aspects in terms of planning and developing Conscientiological courses. This work has as its basis the Instructional Design (ID) methodology, by which the stages of the instructional process are presented, as well as some elements, suggestions and techniques are described, referred to each one. In conclusion, the article suggests 20 Encyclopedia of Conscientiology's entries related to the improvement of parapedagogical activities, in order to contribute with the deepening of researches in this area of study.*

Keywords: *improvement; parapedagogical activities; Instructional Design.*

INTRODUÇÃO

Experiência. O presente artigo aborda a experiência pessoal relativa ao desenvolvimento, organização e implementação de atividades instrucionais nos últimos 10 anos (Ano base: 2013), tanto na prática profissional em Psicologia quanto na condição de docente, instrutor ou monitor em eventos na Conscienciologia.

Oportunidade. Este autor teve a oportunidade de participar de diversas modalidades de eventos instrucionais, tanto na condição de (re)educando quanto de (re)educador, em disciplinas da Ciência Convencional e da Conscienciologia, presenciais e de ensino a distância (EaD).

Falhas. Embora, em tese, todos esses eventos tivessem a função de promover alguma forma de aprendizagem, foram observadas diversas falhas – em especial nas abordagens docentes – as quais levaram à incompletude, em algum nível, no alcance dos objetivos instrucionais propostos para estas atividades.

Exemplos. Eis 7 exemplos de falhas observadas, dispostas a seguir em ordem alfabética da temática central:

1. **Cronograma.** Estabelecimento de cronograma extenso e cansativo, dificultando o melhor aproveitamento da atividade.

2. **Didática.** Utilização de técnicas e recursos didáticos desvinculados dos objetivos instrucionais ou inapropriados para o público alvo da atividade.

3. **Dispersão.** Dispersão dos objetivos estabelecidos para o evento.

4. **Embromações.** Ocorrência de “embromações” (artifícios para ampliar e/ou complementar a carga horária) durante as atividades, fomentando a sensação de perda de tempo nos participantes.

5. **Excessos.** Ocorrência de excessos diversos: nos conteúdos, nas dinâmicas utilizadas, nas atitudes docentes, entre outros aspectos.

6. **Negligência.** Negligência quanto à observação de alguns itens da organização e implementação da atividade (por exemplo, no tocante à infraestrutura do local ou aos equipamentos a serem utilizados), dificultando ou inviabilizando a realização desta.

7. **Objetivos.** Ausência de explicitação dos objetivos da atividade instrucional.

Motivação. A observação corriqueira desses equívocos motivou este autor a analisar na sua própria prática profissional e do voluntariado na Conscienciologia (pesquisação), no exercício docente de outros colegas e em textos especializados quais abordagens, técnicas e recursos poderiam auxiliar no desenvolvimento e na realização de atividades instrucionais mais eficazes, sendo esta a metodologia utilizada na pesquisa que embasa o presente estudo.

Geral. Este artigo tem o objetivo geral de apresentar propostas para o desenvolvimento e a implementação de atividades instrucionais eficazes, abordando premissas e *verpons* do neoparadigma consciencial.

1. **Específicos.** São objetivos específicos deste artigo os 3 itens seguintes, listados em ordem alfabética:

2. **Diferenciais.** Promover reflexões sobre os diferenciais das atividades parapedagógicas.

3. **Qualificação.** Contribuir para a qualificação dos docentes de Conscienciologia e das atividades desenvolvidas pelos mesmos.

Variáveis. Expor as principais variáveis envolvidas na produção de atividades parapedagógicas.

Seções. O artigo está dividido em 9 seções: *Introdução*; *A atividade parapedagógica*; *Design instrucional*; *Análise da atividade parapedagógica*; *Planejamento e desenvolvimento da atividade*; *Avaliação da atividade*; *Considerações finais*; *Remissologia*; e *Referências bibliográficas*.

Simplificação. Visando a simplificação da escrita, neste artigo a *Elencologia* abordada (por exemplo: autores e autoras, desenvolvedores e desenvolvedoras, professores e professoras) será grafada apenas no gênero masculino.

A ATIVIDADE PARAPEDAGÓGICA

Instrucional. Em linhas gerais, uma *atividade instrucional* é o evento cuja finalidade principal é possibilitar a transmissão, o compartilhamento e/ou a construção de conhecimentos, propiciando a (re)aprendizagem ou o desenvolvimento de determinada(s) habilidade(s).

Definologia. A *atividade parapedagógica* é o evento desenvolvido e implementado com base nas premissas e *verpons* do neoparadigma consciencial, cujo objetivo central é informar, esclarecer, assistir, conscientizar ou capacitar conscins e consciexes, objetivando a autoevolução de todos os participantes.

Tematologia. Tema central *homeostático*.

Sinonimologia. 1. Atividade instrucional conscienciológica. 2. Evento tarístico; programa paradidático esclarecedor. 3. Atividade pró-reeducação consciencial. 4. Curso impulsionador da autoevolução. 5. Atividade desassediadora.

Antonimologia. 1. Educação formal. 2. Curso profissionalizante. 3. Evento assediador. 4. Catequese; proselitismo religioso. 5. Sessão de lavagem subcerebral.

Diferenciais. As atividades parapedagógicas em geral possuem vários diferenciais em relação aos eventos educativos das disciplinas alicerçadas na Ciência Convencional, por exemplo, estes 11, dispostos em ordem alfabética:

01. **Autopesquisologia:** a base do esclarecimento geralmente se assenta na autopesquisa do docente ou instrutor, homem ou mulher (denominados neste artigo apenas como *docente*).

02. **Cosmoeticologia:** a postura cosmoética torna importante a checagem, pelo docente, da sua intencionalidade em desenvolver ou realizar determinada atividade, tendo como base o princípio de *que ocorra o melhor para todos*.

03. **Energossomatologia:** uma das bases do processo de desassédio em sala de aula.

04. **Interassistência:** todos os participantes intra e extrafísicos da atividade (incluindo os desenvolvedores e docentes) são, em geral, de algum modo assistidos antes, durante e após a elaboração e a realização da mesma.

05. **Multidimensiologia:** as atividades conscienciológicas têm como público alvo conscins e consciexes.

06. **Multiexistenciologia:** aborda-se a multiexistencialidade. Em relação a esta premissa, dois pontos merecem destaque: (i) em geral as atividades envolvem a reeducação de aspectos multiexistenciais (em alguns casos, hipoteticamente *multimilenares*) das consciências participantes; e (ii) em virtude da *Ficha Evolutiva Pessoal* (FEP), alguns participantes podem superar o(s) docente(s) em conhecimentos e experiências relativos ao tema abordado.

07. **Parapercepçiology:** a base da *eficácia interassistencial*. O parapsiquismo é ferramenta importante no desenvolvimento e na realização de atividades instrucionais qualificadas, por exemplo, pelos seguintes motivos: (i) auxilia na captação antecipada das necessidades dos assistidos e, a partir da conexão com o amparo de função, favorece a melhor seleção e ordenação do conteúdo, e na escolha da metodologia, das técnicas e dos recursos didáticos a serem utilizados; (ii) ajuda no estabelecimento da empatia interassistencial entre docente(s) e público alvo; e (iii) através de *insights* fornecidos pela equipe extrafísica, possibilita a realização de modificações nas abordagens ou nos conteúdos antes e durante a implementação da atividade.

08. **Princípio da descrença:** recurso profilático, sendo a base da *antidoutrinação* e aspecto essencial na diferenciação da Conscienciology em relação a diversas outras linhas de conhecimento humano, em virtude do *incentivo à autoexperimentação*.

09. **Princípio do exemplarismo pessoal (PEP):** condição evolutiva de o docente dar exemplos ou de demonstrar autocoerência, teática e/ou verbação em relação ao tema abordado. Representa outro aspecto basilar da assistência realizada pelo professor de Conscienciology.

10. **Semperaprendente:** pressupondo-se que toda consciência passa por processo de aprendizagem constante, colocar-se na condição de *semperaprendente* auxilia na profilaxia de posturas docentes arrogantes; e, no caso da existência destas, predispõe à ocorrência da *descensão cosmoética*.

11. **Taristicologia:** na tares, a medida e o foco da assistência de qualquer atividade é o assistido.

Aspectos. No desenvolvimento e realização de atividades parapedagógicas, os 11 aspectos seguintes, dispostos em ordem cronológica de abordagem, necessitam ser observados pelo(s) desenvolvedor(es) e docente(s):

01. **Intencionalidade.** Checagem da intencionalidade pessoal em querer desenvolver e realizar a atividade.
02. **Temática.** A escolha da temática a ser abordada na atividade.
03. **Objetivos.** Os objetivos instrucionais a serem alcançados com a atividade proposta.
04. **Justificativa.** Os argumentos justificadores para o desenvolvimento e a implementação da atividade.
05. **Classificação.** O tipo e formato da atividade, por exemplo: palestra, curso, laboratório ou oficina; evento presencial ou de EaD (ensino à distância).
06. **Público alvo.** Consciências a serem assistidas com a temática da atividade.
07. **Conteúdos.** Os conteúdos a serem abordados de modo a esclarecer a temática escolhida, a partir dos objetivos instrucionais definidos.
08. **Metodologia.** A definição da metodologia a ser utilizada na atividade.
09. **Recursos necessários.** Os recursos materiais (incluindo infraestrutura) e conscienciais necessários à implementação da atividade.
10. **Competências docentes.** Definição das competências que os docentes necessitarão possuir / desenvolver para o alcance dos objetivos instrucionais da atividade.
11. **Avaliação.** Averiguação do alcance dos objetivos instrucionais e recepção de *feedbacks* dos participantes sobre a atividade e as abordagens dos docentes. Constitui aspecto importante nesta etapa também a realização da *autoavaliação* por parte dos docentes (avaliação da própria *práxis* docente).

DESIGN INSTRUCIONAL

DI. Para a qualificação das atividades parapedagógicas, este autor optou por utilizar a metodologia do *Design Instrucional* (DI), compreendido como o planejamento detalhado e sistemático do processo de ensino e aprendizagem, englobando métodos, estratégias, técnicas e recursos didáticos, e sistemas de avaliação (FILATRO & PICONNEZ, 2004).

Maximização. O principal objetivo do DI é maximizar a eficácia instrucional de um determinado produto educacional (atividade, ambiente de ensino, material didático, entre outros).

Favorecimento. O DI favorece o desenvolvimento de atividades instrucionais eficazes na Conscienciologia e na Ciência Convencional por possibilitar, entre outros aspectos, pelo menos os 5 abaixo, listados em ordem alfabética:

01. **Dificuldades.** Levantamento antecipado de possíveis dificuldades ou empecilhos.
02. **Feedbacks.** Atualização da atividade em função dos *feedbacks* dos participantes.
03. **Necessidades.** Antecipação das necessidades da instrução (por exemplo, pelo levantamento mais detalhado das características do público alvo).
04. **Reflexão.** Incentiva o desenvolvedor ou o docente da atividade a refletir *antes, durante e após* a implementação desta.
05. **Variáveis.** Averiguação de maior número de variáveis envolvidas em todo o processo instrucional.

Estruturação. No DI, um dos processos de desenvolvimento e implementação utilizados é conhecido como modelo ADDIE – acrônimo das palavras *Análise* (analisar), *Design* (planejar),

Develop (desenvolver), *Implement* (implementar) e *Evaluate* (avaliar), cujas etapas básicas estão expostas a seguir em ordem cronológica:

1. **Analisar:** etapa de investigação e identificação do foco da (re)aprendizagem (a necessidade evolutiva a ser abordada), do público alvo e, a partir destes, dos objetivos instrucionais e das possíveis demandas (dificuldades, empecilhos, restrições, entre outras) advindas da produção e realização da atividade.

2. **Planejar:** fase de definição das estratégias, da metodologia, das técnicas e dos recursos necessários ao alcance dos objetivos instrucionais.

3. **Desenvolver:** a fase de desenvolvimento (produção) da atividade e dos materiais didáticos a serem utilizados.

4. **Implementar:** a etapa de organização e realização (implementação) da atividade.

5. **Avaliar:** em geral, o momento pós-atividade, depois da recepção dos *feedbacks* dos participantes, incluindo nesta fase a autoavaliação dos docentes.

Variáveis. Nas seções seguintes do artigo serão abordadas mais aprofundadamente algumas variáveis presentes nas etapas de análise, planejamento e desenvolvimento e avaliação da atividade parapedagógica.

ANÁLISE DA ATIVIDADE INSTRUCIONAL

Aspectos. Na análise da atividade instrucional, os seguintes aspectos precisam ser abordados pelo(s) desenvolvedor(es): (i) a intencionalidade no tocante ao desenvolvimento da atividade; (ii) a necessidade evolutiva a ser abordada; (iii) o público alvo (assistidos); (iv) os objetivos de (re)aprendizagem almejados; e (v) os conteúdos essenciais da atividade.

Autochecagem da intencionalidade

Técnica. A autochecagem da intencionalidade, etapa inicial no desenvolvimento da atividade parapedagógica apresentada por este autor, baseia-se na Técnica da qualificação da intencionalidade proposta pelo consciencioterapeuta Nario Takimoto (2006, p.21).

Bases. Essa técnica consiste em o autor da futura atividade instrucional questionar-se *por que* (objetivos claros) e *para que* (motivo real, causa básica) a atividade será desenvolvida, e *para quem* (os verdadeiros beneficiados) esta será destinada.

Profilaxia. A checagem e a qualificação da intencionalidade funcionam ao modo de elementos profiláticos, evitando, por exemplo, que o docente exponha-se desnecessariamente a situações constrangedoras ou promotoras de problemas para si ou para os participantes da atividade.

Definição da necessidade evolutiva

Temática. A necessidade evolutiva refere-se à temática que o autor pretende abordar na atividade, de modo a auxiliar conscins e consciexes na aprendizagem ou desenvolvimento de algum talento, traço, traço ou habilidade.

Sugestões. Eis algumas sugestões de necessidades a serem abordadas: tema de autopesquisa aprofundada; autossuperação alcançada; teática cosmoética em alguma área; carência ou necessidade observada nos demais.

Especificidade. Sugere-se ao(s) autor(es), também, especificar ao máximo o escopo da temática a ser abordada, evitando temas muito genéricos ou do tipo “guarda-chuva”.

Análise do público alvo da assistência

Assistidos. O público alvo da atividade instrucional são as consciências que se beneficiarão mais diretamente com o desenvolvimento e a implementação da mesma. São os assistidos a serem acessados e esclarecidos através da atividade.

Exemplos. Eis alguns exemplos de públicos alvo: intermissivistas; alguma modalidade de consréu; conscins de determinada faixa etária e/ou gênero; pessoas com alguma necessidade específica; e outros.

Assertividade. Especificar o público alvo possibilita ao(s) desenvolvedor(es) da atividade instrucional obter maior eficácia interassistencial. Cada público alvo possui necessidades ímpares, e em diversos casos bastante díspares em relação às demandas de outros grupos de conscins e/ou consciexes.

Pré-requisitos. Ao definir o público alvo, é importante que o(s) autor(es) e o(s) docente(s) avaliem quais os pré-requisitos mínimos (atividades, conhecimentos prévios, habilidades e atitudes) que os *semperaprendentes* necessitam possuir para participarem e, de fato, serem assistidos pela atividade proposta.

Análise dos objetivos de (re)aprendizagem

Expectativas. Os objetivos de (re)aprendizagem dizem respeito ao que se espera que os *semperaprendentes* reciclem, desenvolvam ou aprimorem ao participar da futura atividade, ou quais serão os novos conhecimentos e/ou competências a serem auferidos.

Escopo. Essas expectativas precisam ser grafadas através de um objetivo geral – no qual aborda-se o escopo mais amplo da atividade – e de alguns objetivos mais específicos.

Essencial. A análise e a definição dos objetivos de (re)aprendizagem representam outra etapa essencial para o desenvolvimento de atividades instrucionais eficazes.

Análise dos conteúdos essenciais

Alicerces. Os conteúdos abordados em uma atividade correspondem a um dos alicerces da tares na atividade parapedagógica. Portanto, requerem bastante atenção e cuidado por parte do(s) autor(es) e do(s) docente(s) no tocante à sua seleção e ordenação, visando maximizar a eficácia interassistencial.

Técnicas. Eis, a seguir, em ordem alfabética, 4 exemplos de técnicas a serem utilizadas para auxiliar na seleção e sequenciamento dos conteúdos:

1. **Amparo.** Evocar lucidamente o amparo de função parapedagógico visando obter *insights* no tocante aos conteúdos.
2. **Brainstorming.** Fazer um *brainstorming* visando arrolar possíveis assuntos, e em seguida ordená-los de modo a maximizar o (re)aprendizado.
3. **Heterocrítica.** Após selecionar e organizar o conteúdo, solicitar heterocrítica de colegas mais experientes no tema abordado.
4. **Referências.** Basear-se na estrutura/seleção de conteúdos de livros considerados referências sobre o tema.

Excesso. Convém evitar o excesso de conteúdos na atividade, pois esta condição em geral tende a causar, por exemplo, dois problemas: (i) dificulta a assimilação das informações pelos participantes (em especial os que estão tendo o primeiro contato com a Conscienciologia) em

função do grande volume de verpons; e (ii) pode se transformar em fonte de ansiedade (auto-assédio) para o(s) docente(s), em virtude da relação desproporcional conteúdo programático extenso *versus* carga horária exígua.

PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE

Variáveis. O planejamento e o desenvolvimento da atividade instrucional necessita levar em consideração pelo menos 2 variáveis: (i) a metodologia a ser utilizada; e (ii) a infraestrutura e os recursos (materiais e conscienciais) necessários à realização do evento.

Metodologia

Conjunto. A metodologia a ser utilizada na atividade corresponde ao conjunto de regras e procedimentos didáticos definido pelo(s) desenvolvedor(es) e seguido pelo(s) docente(s) da atividade, de modo a possibilitar o alcance dos objetivos instrucionais elencados.

Aspectos. Eis, em ordem alfabética, 7 aspectos a serem verificados no tocante à metodologia da atividade instrucional conscienciológica:

Disposição: a melhor maneira de dispor os participantes da atividade no ambiente, de modo a maximizar a aprendizagem (por exemplo: em formato de auditório convencional, em círculo, deitados em colchonetes, entre outras).

Materiais: os materiais didáticos a serem utilizados.

Organização: como será organizada a atividade (número total de aulas/encontros e a duração de cada atividade).

Participantes: o número mínimo e máximo de participantes para que a atividade possa alcançar os melhores resultados instrucionais.

Práticas energéticas: se aplicável, quais serão as práticas energéticas e em qual momento da atividade estas serão utilizadas.

Técnicas: as técnicas didáticas que determinarão a maneira como ocorrerão as interações entre o(s) docente(s) e os participantes da sua atividade, e entre os participantes (por exemplo: aula expositiva; debates; leitura de textos; utilização de dinâmicas; e outras).

Evitações. Eis 3 evitações referentes à seleção e utilização de práticas energéticas, técnicas e recursos didáticos: (i) realização de vivências sem pausas ou incentivo à autorreflexão, condição oposta ao trinômio otimizador da autoaprendizagem *vivência-autorreflexão-autorreeducação*; (ii) desconexão das técnicas e dos recursos didáticos e das práticas energéticas com os objetivos instrucionais; e (iii) utilização destes elementos sem finalidade clara ou para, simplesmente, preencher o tempo da atividade (*embromação*).

Tempo: carga horária total prevista para a atividade.

Infraestrutura e recursos necessários à realização da atividade

Itens. A infraestrutura e os recursos necessários à realização da atividade contemplam, por exemplo, os seguintes itens, dispostos em ordem alfabética:

Ambientes: as características necessárias (infraestrutura básica) dos locais ou ambientes nos quais ocorrerão sua atividade (por exemplo: *layout* do espaço, dimensões, climatização, iluminação, isolamento acústico, e outras).

Monitores: avaliação da necessidade de monitores ou auxiliares na atividade e, em caso afirmativo, em que quantidade e para quais funções.

Recursos: definição dos recursos necessários à realização da atividade, englobando, por exemplo, computadores, *datashow*, equipamento de som, quadro branco, *flipchart* e/ou outros.

Competências docentes. Também na etapa de planejamento e desenvolvimento, é importante que o(s) autor(es) da atividade parapedagógica analisem e definam quais são as competências (conhecimentos, habilidades e atitudes pessoais) que os docentes necessitarão possuir ou desenvolver para o alcance dos objetivos instrucionais elencados.

Testes. Antes da “estreia” da atividade parapedagógica, convém aos desenvolvedores e docentes realizar testes (eventos-piloto) com voluntários convidados, visando averiguar se os resultados alcançados estão de acordo com o esperado no planejamento instrucional, ou se existirão ajustes a serem realizados.

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE

Avaliação. No tocante à avaliação da atividade, pelo menos os 5 aspectos seguintes, listados em ordem alfabética, precisam ser observados:

Conteúdos: se estavam apropriados.

Docente(s): se a atuação do(s) docente(s) foi interassistencial.

Eficácia: se a atividade foi eficaz (possibilitou o esclarecimento previsto).

Metodologia: se aspectos como as técnicas e os recursos didáticos estavam adequados.

Recursos: se os recursos materiais e conscienciais estavam de acordo com as necessidades da atividade e do público alvo.

Feedback. A avaliação *imediata* da eficácia da atividade instrucional pode ser realizada através do *feedback* dos participantes intrafísicos, o qual pode ser obtido tanto verbalmente (solicitando que cada aluno exponha seus aprendizados, suas impressões e seu nível de satisfação geral) quanto através da utilização de um questionário, previamente elaborado pelo(s) desenvolvedor(es) da atividade.

Atualizações. A partir da avaliação é possível analisar os acertos, erros e omissões ocorridos em todas as fases do processo instrucional (da análise inicial à implementação), possibilitando a realização de atualizações na atividade e a ampliação do nível de interassistencialidade desta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exaustivo. Este autor avalia que a proposta apresentada neste artigo para o desenvolvimento de atividades parapedagógicas é exaustiva, porém recompensadora para quem se proponha a utilizá-la.

Detalhismo. A partir da autorreflexão e averiguação de todas as variáveis elencadas nesta gescon, é possível à conscin desenvolvedora ampliar o autodiscernimento e aprofundar o nível de detalhismo em relação aos aspectos envolvidos em todas as etapas da produção, implementação e avaliação de uma atividade instrucional.

Eficazes. A ampliação do autodiscernimento e do detalhismo propiciam a averiguação antecipada das principais necessidades referentes à (re)aprendizagem desejada, e proporcionam o desenvolvimento de atividades instrucionais mais eficazes, com excelentes possibilidades de interassistência.

REMISSIOLOGIA

Ampliação. Às pessoas interessadas em ampliar as pesquisas sobre a qualificação das atividades parapedagógicas, este autor sugere, por exemplo, o estudo dos seguintes 20 verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia*, listados na ordem alfabética do tema:

Antidogmática: Comunicologia; Homeostático.

Aula de Conscienciologia: Parapedagogia; Homeostático.

Autexemplificação: Cosmoeticologia; Neutro.

Descensão cosmoética: Evoluciologia; Homeostático.

Ensino: Evoluciologia; Homeostático.

Evento conscienciológico: Assistenciologia; Homeostático.

Evolução tacon-ares: Interassistenciologia; Homeostático.

Exemplo pedagógico: Pedagogia; Neutro.

Facilitador da Conscienciologia: Parapedagogia; Homeostático.

Ficha evolutiva pessoal: Autevoluciologia; Neutro.

Informação esclarecedora: Parapedagogia; Homeostático.

Multidimensionalidade consciencial: Parapercepciologia; Homeostático.

Paratécnica didática: Parapedagogia; Homeostático.

Princípio do exemplarismo pessoal: Cosmoeticologia; Homeostático.

Produção do esclarecimento: Interassistenciologia; Homeostático.

Tara parapsíquica: Interassistenciologia; Homeostático.

Tares expositiva: Interassistenciologia; Homeostático.

Técnica da circularidade: Experimentologia; Neutro.

Técnica do bloco tridisciplinar: Parapedagogia, Neutro.

Transmissão gratificante: Parapedagogia; Homeostático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FILATRO, Andrea; & Piconez, Stela Conceição Bertholo; *Design instrucional contextualizado*; disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/hm/049-TC-B2.htm>>; acesso em 03.06.2011.
2. TAKIMOTO, Nario; *Princípios teáticos da Consciencioterapia*; Artigo; Proceedings of the 4th Consciential Health Meeting (Anais da IV Jornada de Saúde da Consciência); *Journal of Conscientiology*; Vol. 9; N. 33S; 29 enus.; 3 tabs.; 30 refs.; *International Academy of Consciousness*; London, UK; Setembro, 2006; páginas 11 a 29.
3. VIEIRA, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia*; CD-ROM; 2.146 verbetes; 9.000 páginas, 350 especialidades; Associação Internacional Editares; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); 7ª Edição; Foz do Iguaçu: PR; 2012; Verbetes: Antidogmática, Aula de Conscienciologia, Autexemplificação, Descensão cosmoética, Ensino, Evento conscienciológico, Evolução tacon-ares, Exemplo pedagógico, Facilitador da Conscienciologia, Ficha evolutiva pessoal, Informação esclarecedora, Multidimensionalidade consciencial, Paratécnica didática, Princípio do exemplarismo pessoal, Produção do esclarecimento, Tara parapsíquica, Tares expositiva, Técnica da circularidade, Técnica do bloco tridisciplinar e Transmissão gratificante.

Álvarez Dantas, 37 anos, psicólogo pós-graduado em Gestão de pessoas, voluntário da Conscienciologia desde 2002 (atualmente voluntário da Reaprendentia), docente desde 2003, tenepessista desde 2004, verbetógrafo. E-mail: alvarezdantas@gmail.com